

DO GABINETE DE CURIOSIDADE AO MUSEU UNIVERSITÁRIO

Paola Ferraro Alves

Resumo

A pesquisa irá abordar o percurso do Gabinete de Curiosidade ao Museu Universitário, neste trajeto é de suma importância alguns apontamentos realizados por Bacon, como a organização e classificação da natureza, após observação ordenada de suas leis.

Portanto, a pesquisa irá apontar as origens do gabinete de curiosidade e do museu universitário, mas terá como foco principal, o muBa – Museu Belas Artes de São Paulo, assinalando seu papel diante da instituição e da sociedade em que está inserido.

Palavras-chave: Gabinete de curiosidade; classificação; museu; universidade; museu universitário

Abstract

The research will address the route of the Cabinet of Curiosity to the University Museum, this path is of paramount importance some notes made by Bacon, as the organization and classification of nature, ordered after observation of its laws.

With the need to understand the world in which human beings are inserted, the influence of the voyages and discoveries of the sixteenth century, began the practice of collecting a multiplicity of objects. Over time, these collections have become specialized and are being organized from criteria that they obeyed orders assigned to their nature. Many collections that form between the sixteenth and seventeenth centuries later become museums.

Already the university museums are formed when the university comes to be seen as a safe custodian of collections already formed. Universities have been given the duty to preserve and maintain the work for it to keep themselves alive in society.

Therefore, the research will point the origins of the cabinet of curiosity and the museum campus, but will focus primarily, the Muba - Fine Arts Museum of San Paulo, noting their role in the institution and the society in which it appears.

Keywords: Office of curiosity, classification, museum, university, university museum

Introdução

A pesquisa pretende fazer um levantamento sobre a origem dos gabinetes de curiosidades aos museus universitários, procura-se mostrar como se dá a relação entre o gabinete de curiosidade e o museu universitário, sua origem e função, com ênfase no muBa – Museu Belas Artes de São Paulo.

Através de uma breve apresentação da formação do museu, a proposta de Bacon para organizar a natureza e a origem e função do gabinete de curiosidade é possível entender como se dá a formação do museu contemporâneo e como ele passa a ser agregado pelas universidades.

A formação do Museu

A Alta Idade Moderna (século XV–XVIII) é um período marcado pela busca da comunicação e da memória. Tenta-se repensar as relações existentes entre imagens ou elementos visuais em oposição à escrita, que na concepção pós-iluminista estaria ligada a um impulso inovador.

Como a memória era considerada a única forma de conhecimento humano, a sua manutenção ocorria através de relatos orais interpessoais e objetos que compunham as galerias de retratos, livrarias, esculturas, pinturas, esses objetos eram as expressões dessa forma de conhecimento.

Entretanto, a escrita também era um meio eficaz para a conservação da memória, mas era um privilégio da elite e das ordens religiosas. Toda casa real e a maior parte das casas nobres passa a praticar a moda das livrarias.

Já no século XVIII, a escrita passa a ter maior valor em relação à leitura e a imagem, pois o ato de escrever passa a ser relacionado à racionalidade, enquanto a representação por imagem torna-se atributo das artes plásticas e, a oralidade limita-se a cultura popular, assim sendo, o colecionismo passa a dar prioridade às idéias e ao contexto da obra.

Por meio da integração dos elementos textuais e visuais, forma-se um conjunto de códigos de comunicação que expressa e transmite valores simbólicos e étnicos, logo memória e comunicação são um dos meios de compreender a cultura de cada época.

Bacon e a classificação

Francis Bacon¹ (século XVI e XVII) considerava a filosofia como um método esclarecedor da essência da realidade, que dá forma e suporte aos fenômenos sensíveis.

Bacon propõe dois métodos para a busca do conhecimento, o dedutivo e o indutivo, ambos com embasamento no conhecimento racional e empírico. A metodologia de Francis Bacon era baseada na coleta de dados, sua interpretação e a realização de experiências, deste modo é possível conhecer a natureza através da observação sistemática de suas leis.

De acordo com o filósofo, o verdadeiro conhecimento é resultado da concordância e da variação dos fenômenos, que se devidamente observados apresentam a causa real dos fenômenos.

"O verdadeiro fim do conhecimento é a restituição e a restauração (em grande parte) do homem à soberania e ao poder que ele tinha no primeiro estágio da criação (porque quando ele for capaz de chamar as criaturas pelos seus verdadeiros nomes, poderá novamente comandá-las). Para falar com clareza e simplicidade, esse fim consiste na descoberta de todas as operações e possibilidades de operação: desde a imortalidade (se é possível) até a mais desprezada arte mecânica". (citação de Bacon, Francis de seu livro *Advancement of Learning*, p. 222, apud ZATERKA, 2004, p. 98).

Bacon desejava uma reforma completa do conhecimento, para que o homem tivesse poder sobre a natureza. Para isso, no entanto, é preciso a classificação completa das ciências existentes; um novo método para atingir a busca pela verdade; a coleta de dados empíricos (baseado na experiência); exemplos de aplicação do método; lista que demonstra o avanço permitido pelo novo método, deste modo a nova filosofia iria apresentar um resultado organizado e um sistema completo.

¹ Francis Bacon (1561-1626), filósofo-cientista inglês, nascido em York House, Londres, filho de Nicholas Bacon e Ann Cooke Bacon. Estudou em Cambridge e formou-se no Gray's In (1576), onde obteve uma formação para a vida política, na qual alcançou posições elevadas. Já a sua obra filosófica está reunida em obras como *The Advanced of Learning* (1605); *Novum Organum* (1620).

Para poder sistematizar e padronizar as observações e experimentações, Bacon cria as “tabelas de descobertas”. As tabelas de investigação irão registrar as circunstâncias em que os fenômenos manifestam-se, noções recolhidas ao acaso, por meio da observação, deste modo anotam-se possíveis correlações entre os fenômenos paralelos e contrários as investigações. As experiências merecedoras de crédito são aquelas que podem ser repetidas. Essas tabelas estabelecem as características da natureza e da metafísica.

"A Física (entendida esta palavra segundo sua etimologia e não como nome que damos à Medicina) se situa num termo ou distância média entre História Natural e Metafísica. Pois a História Natural descreve a *variedade das coisas*, a Física, as *causas fixas e constantes*". (BACON, 2007, p. 146).

Portanto, Francis Bacon reivindica uma nova ciência, baseada em experimentos organizados e cooperativos, com registros sistemáticos dos resultados. Leis gerais que só poderiam ser estabelecidas quando os experimentos tivessem produzido dados suficientes e então, por raciocínio indutivo se chegaria aos princípios mais gerais.

À medida que Francis Bacon questiona o conceito de semelhança, classificação completa das coisas deve estar fundamentada na memória, imaginação e razão.

Deste modo, Bacon pretendia reformar o conhecimento por meio do saber. Ele acreditava que com o desenvolvimento e o progresso das ciências e as suas aplicações práticas se conquistariam o poder sobre a natureza e dessa maneira a humanidade atingiria o bem estar.

Do gabinete de curiosidade a nova museologia

Os Gabinetes de Curiosidades ou Quartos de Maravilhas designam os lugares em que durante a época das grandes explorações e descobrimentos dos séculos XVI e XVII, se colecionavam uma multiplicidade de objetos raros ou estranhos nos três ramos da biologia: naturalia, artificialia e marabilha, além das realizações humanas. Já em meados do século XVIII, a enciclopédia defende a organização dos objetos segundo critérios que facilitem o aprendizado, essa nova concepção iria distribuir os objetos em classes, gêneros e espécies, separando os animais, vegetais e minerais.

Contudo, no século XIX, o museu classifica e ordena os objetos a partir de um sistema artificial. Deste modo, os reinos, mineral, natural e vegetal são substituídos por

dois: o vivo (orgânico) e não vivo (inorgânico) e a História Natural dá lugar à Biologia. Essa medida é tomada para que os museus possam guardar e recuperar os objetos.

Os primeiros museus a serem criados foram: o Museu Nacional (Louvre), em 1792; o Museu de História Natural, em 1794; o Conservatório Natural de Artes e Ofícios e o Museu dos Monumentos Francês, ambos em 1796.

Em 1956, o ICOM² define que o museu deve ser uma instituição permanente, voltada ao interesse geral e com o propósito de preservar, estudar e exhibir acervos. Já em 1974, o ICOM coloca o museu a serviço da sociedade e seu desenvolvimento. Para isso, é preciso que o museu tenha uma ação social mais efetiva. O museu precisa criar parcerias com outras instituições educacionais e culturais para que haja maior comunicação entre o público e a instituição.

A nova museologia vem questionar o papel do visitante diante do objeto exposto; as informações complementares por meio da cenografia ou textos de parede e; busca do equilíbrio entre educação e diversão, para que haja contemplação e reflexão diante do objeto exposto. A coleção passa a pertencer não há uma determinada instituição, mas sim a toda humanidade.

Museus Universitários

A universidade deve ser vista como produtora de conhecimento, como espaço de experiência e formação, como fonte de recursos para os museus universitários.

O papel de um museu universitário está ligado à função da universidade, da formação da coleção e também da região em que está localizada. Esses fatores atrelados as poéticas de ensino, pesquisa e extensão das faculdades, são fundamentais para a construção do perfil do museu.

Os primeiros museus universitários formaram-se a partir da doação de grandes coleções particulares às universidades, o que pressupunha que a instituição era digna, adequada e competente para exercer a função de preservar e conservar a obra. Porém a formação de um museu universitário ainda pode se dar pela aquisição de objetos ou

² ICOM foi criado em 1946 e é uma organização não-governamental mantém relações formais com a UNESCO. O Conselho Internacional de Museus é uma organização global de museus e profissionais de museus, que está comprometido com a conservação, manutenção e comunicação à sociedade e ao patrimônio cultural do mundo natural e, presente e futuro, tangível e intangível. Disponível em: http://uk.icom.museum/about_icom. Consultado em 2010.

coleções de particulares por compra, pela transferência de um museu já formado para a universidade, pela coleta e pesquisa de campo e pela combinação desses processos.

Contudo, a função de um museu universitário é atuar como auxiliar na pesquisa e instrução de alunos, além de ser um laboratório para pesquisadores e no caso das artes, as coleções são vistas como fonte de enriquecimento cultural dos campos e da vida universitária. Portanto, a criação de galerias de arte em várias universidades foi uma saída para apresentar-se como um espaço as artes, mas sem ter que acumular acervo, o que diminui as despesas para preservar as obras.

Além de servir a comunidade universitária, o museu pode atrair e servir a outros públicos, assim os seus programas e exposições podem variar dependendo do público que se pretende atingir.

Museu de Arte Contemporânea de São Paulo – MAC

O Museu de Arte Contemporânea de São Paulo foi criado em 1963, quando Francisco Matarazzo Sobrinho, presidente do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM) doou o acervo do MAM à Universidade de São Paulo (USP).

O acervo do MAC é composto pelas obras do acervo do MAM, as coleções particulares de Yolanda Penteadó e Ceccillo Matarazzo, assim como as obras de Modigliani, Picasso, Chagall, Miró, Bracque, Léger, Morandi, De Chirico, entre outras, além de obras internacionais realizadas pela Fundação Nelson Rockefeller e as obras premiadas pela Fundação Bienal de São Paulo. Já na década de 70 a 90, os próprios artistas passam a doar obras ao museu e o museu passa a adquirir obras contemporâneas, o que atualizará e ampliará o acervo da instituição.

O MAC por ser um museu universitário conta com um corpo permanente de docentes, pesquisadores e curadores, todos envolvidos com pesquisa científica, deste modo o museu oferece cursos de extensão universitária, oficinas, disciplinas optativas para graduação, atividades em ateliês, visitas orientadas, biblioteca e site. A programação de exposições e os cursos são abertos à comunidade em geral e aos estudantes.

muBA – Museu Universitário Belas Artes de São Paulo

A criação do Museu Universitário Belas Artes de São Paulo (muBA) ocorreu em 2007 com o objetivo de construir, preservar e divulgar a memória do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

Como a história da Universidade está vinculada aos cursos que ela ministrou ao longo de sua história, como por exemplo, Artes Plásticas, Arquitetura e Urbanismo, Comunicação e Design, o acervo do museu irá abrigar variados objetos, documentos e obras vinculadas a esses cursos oferecidos pela Instituição.

A coleção do muBa será formada a partir de aquisições, coleta de campo, compra, permuta, doação e/ou legado de obras e documentos pertencentes a profissionais que fazem parte da Belas Artes, como alunos, ex-alunos e professores, além do material que esteja de acordo com a Linha de Atuação do Museu.³ Assim sendo, as produções serão adquiridas de acordo com a sua relevância para o Centro Universitário Belas Artes baseado em sua história. Cabe ao Conselho Deliberativo decidir sobre cada aquisição, para isso, leva-se em consideração o parecer do curador e do conservador.

A produção inserida na reserva técnica do museu tem um fim pedagógico, passa a ser uma ferramenta para divulgar o conhecimento científico e promover a cultura, já que a obra torna-se testemunha de uma época. Logo, a organização do acervo ocorre de acordo com a natureza do material ou objetivo de cada coleção.

Resultados

Através do levantamento histórico da pesquisa foi possível definir que a organização do museu contemporâneo está baseada na metodologia e classificação baconiana, já que sua organização leva em consideração o signo dos objetos. Também foi possível verificar a importância que a universidade passa a estabelecer diante de uma coleção, pois ela torna-se uma ferramenta importante para a sua preservação e

³ A Linha de atuação do museu prevê que o seu acervo será constituído a partir de aquisições e doações de obras e documentos que estejam de acordo com a História Institucional – História da academia Belas Artes de São Paulo (1925); História oral – funcionários e professores; História dos cursos; Acervos de obras raras (Biblioteca); Acervo Belas Artes – produção de professores, profissionais e artistas formados pela Belas Artes, envolvendo as diversas formas de expressão artística; Arquivo Eduardo Kneese de Mello; Coleção Vicente de Grado; Memória Paulistana – História da Vila Mariana; História da Arte, da Comunicação, da Arquitetura e do Design no Brasil – Arquitetos e artistas brasileiros.

divulgação, portanto o museu atrelado a universidade precisa de uma autonomia e recursos financeiros para estabelecer uma ação educativa e sócio-cultural com enfoque no visitante.

Considerações finais

Com esse estudo observamos a importância do Museu Universitário, que é indiscutível provedor dos benefícios culturais da comunidade acadêmica bem como para a sociedade. Seu papel é fundamental como fomentador da cultura do mundo contemporâneo.

Através do Museu Universitário é possível verificar que uma instituição histórica consegue vincular-se ao museu e preservar sua memória, além disso, com o tempo, passa a incorporar tendências contemporâneas.

Entretanto, os Museus Universitários precisam ter uma política institucional planejada, pois cabe a instituição que abriga o museu disponibilizar recursos materiais e humanos para preservar e divulgar sua coleção de maneira adequada.

Portanto, o Museu Universitário deve estabelecer um diálogo entre o seu acervo e o visitante, o museu deve elaborar e conceder exposições, com o intuito de tornar pública a sua coleção, deste modo, passa a ser visto como um local gerador de pesquisa e reflexão.

Bibliografia

ALMEIDA, Adriana Mortara. **Museus e coleções universitários: Por que museus de arte na Universidade de São Paulo?**. 200. 238 f. Tese (Doutor em ciências da informação e documentação) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

BACON, Francis. **O progresso do conhecimento**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 2007.99p.

BACON, Francis. **Novum Organum de verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza / Nova Atlântida**. Abril, 1973. 221-225p. (Série Os Pensadores)

Comissão de Patrimônio Cultural da Universidade de São Paulo; **Guia de Museus Brasileiros**; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo / Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

FILHO, Durval de Lara. **Museu: de espelho do mundo a espelho relacional**. 2006.139 f. Dissertação (Pós Graduação em Ciências da Informação) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

KENSETH, Joy (Ed.) **The Age of the Marvelous**. Hanover, New Hampshire (EUA): Dartmouth College, Hood Museum of Art, 1991. [Catálogo de exposição]. Tradução por Heloísa Barbury. 22p.

KENSETH, Joy. **The age of the Marvelous**. Hanover, New Hampshire (EUA): Dartmouth College. Hood Museum of Art, 199. [Catálogo de exposição]. Tradução por Heloísa Barbury.

Prehistorias de las Colecciones Artísticas y de Maravillas - Páginas 07 - 254;

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA. **Arte Brasileira: 50 anos de história no acervo MAC USP**. [S.l.]: MAC / USP, 1996. 44 p.

SUANO, Marlene. **O que é museu**. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.94

ZAMBONI, Sílvia. Metodologia de pesquisa em arte. In: **A Pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência**. 3.ed. Campinas : Autores Associados, 2006. Cap. 02.

ZATERKA, Luciana. **A filosofia experimental na Inglaterra do século XVII: Francis Bacon e Robert Boyle**. São Paulo: Associação Editorial Humanas: FAPESP, 2003. 300p.